



DEMONSTRAÇÃO DO VALOR ADICIONADO: Análise da distribuição da riqueza de empresas listadas na B3 em momento de crise econômica.

***Scarlath Ferreira Teixeira Marques
Fabrício Afonso de Souza
Curso: Ciências Contábeis Período:8º
Área de Pesquisa: Contabilidade Gerencial***

Resumo: Os setores da economia brasileira têm sido afetados pela crise econômica, por isso cada vez ela vem sendo tema de debates e estudos. O presente estudo visa verificar as variações decorrente da crise econômica na distribuição de riquezas, de empresas listadas na B3. Para atingir o objetivo foram analisadas demonstração do valor adicionado, referente ao período de 2015,2016,2017 e 2018, do segmento do comércio. A pesquisa é classificada como descritiva, de caráter analítico empírico. A análise ocorreu em 11 empresas dos setores cíclico, não cíclico e bens industriais. A Demonstração do Valor Adicionado é um completo do Balaço e da Demonstração dos Resultados do Exercício, seu objetivo é o de demonstrar a capacidade de geração de riqueza e como é feita sua distribuição. O resultado encontrado aponta que as variações que ocorreram não podem ser consideradas como um impacto da crise, pois seus percentuais e médias não obtiveram grandes variações.

Palavras-chave: crise, economia, demonstração do valor adicionado, distribuição de riqueza.

1. INTRODUÇÃO

O termo crise possui uma definição ampla, podendo designar uma situação extrema e grave, como também uma conjuntura perigosa (Picinin e Barros, 2017). Em uma recessão surgem diversos danos aos países, e pode vir a durar por anos. As crises sempre existiram e impactaram a economia mundial. Nenhum país está imune e, segundo Lucon e Goldemberg (2009), a crise financeira destrói uma grande parte dos seus recursos e tem como consequências imediatas o desemprego e a redução da atividade econômica.

De acordo com Krigger (2016) o Brasil por meados de 2000 passava por um processo de expansão, com a valorização do mercado interno e as exportações em alta. Nesse período, o país passava por um interessante momento de aquecimento da economia, com a ocorrência de privatizações, fusões e incorporações empresariais. A população tinha um maior poder de compra, contribuindo mais para a movimentação da economia que passava por uma fase positiva, os balanços comerciais fechavam positivos.

Em 2008 o mundo passou por uma grande crise que atingiu países como Estados Unidos e Rússia, ficando conhecida como bolha imobiliária, que ocorreu por conta da falência de uns dos maiores bancos mundiais, Lehman Brothers. O início do fenômeno deu-se por conta de empréstimos altos que eram concedidos no mercado de crédito imobiliário americano, que ficou conhecido *subprime* que são os de segunda linha. Esse tipo de financiamento era concedido a muitas pessoas que não tinham condições de pagar, até aqueles que não tinham nenhum patrimônio, não tinham renda comprovada ou se quer um emprego, conseguiam ser aprovados. Com isso os bancos passaram a misturar as dívidas de alto com as de baixo risco. A queda dos preços dos imóveis nos Estados Unidos desencadeou um efeito dominó no mercado financeiro e, posteriormente, na economia real (Costa, Reis e Teixeira, 2012). Com o da crise diversos investidores de todo o mundo retiraram suas aplicações de ações de bancos e de empresas, porque houve uma incerteza da veracidade dos balanços apresentados de alguns bancos e empresas, e muitos decidiram resgatar os investimentos para poder cobrir prejuízos decorrentes da crise.

Para Lima e Deus (2013) o Brasil sentiu um forte efeito da crise, com o reflexo no sistema financeiro, sofreu com baixa liquidez, com a falta de dinheiro, os bancos não conseguiam fornecer créditos. Outro ponto que agravou a situação foi a alta do dólar sobre o real, muitas empresas que não estavam asseguradas a oscilações sobre a moeda, e tinham em seu passivo altas dívidas em dólar sentiram o impacto. O país passou a importar mais mercadorias do que exportar.

No segundo semestre de 2014 a economia brasileira passou por uma recessão, que veio como consequência de uma crise política que o país enfrentava no momento, o que fez com que fechasse o ano com um déficit de 3,9 milhões de dólares de acordo com o IBGE (2017). Para Pinheiro, Andrade e Nascimento (2018) o cenário político que o Brasil se encontrava em 2014-2015 foi uma comprovação de que o governo foi

perdendo gradualmente sua capacidade organizativa, levando a uma crise longa, que passou por oito quedas trimestrais consecutivas do PIB (Produto Interno Bruto), tendo o seu término em 2017. Encerrando esse período com a inflação atingindo duas casas após muitos anos, segundo Moreira et.al (2016) 10,67% no ano de 2015.

Dado o cenário econômico relatado, o presente estudo tem como objetivo analisar qual impacto as crises de 2008 e 2014 ocasionaram na política da distribuição de riquezas das empresas listadas no setor financeiro da B3, medida por meio da Demonstração do Valor Adicionado (DVA). A demonstração deve proporcionar aos usuários da informação contábil dados relativos à riqueza criada pela entidade em determinado período (BITTENCOUR, 2018). Através deles pode-se observar o quanto a empresa tem colaborado para a sociedade, pois ela evidência, por exemplo, o valor gerado de riqueza em um período e a sua distribuição aos indivíduos que contribuíram para sua geração, como os impostos e a distribuição de lucros. Machado, et al (2015) afirmam ainda que a riqueza criada seja o incremento de valor que a empresa atribui aos insumos de produção que foram pagos a terceiros durante o processo produtivo.

Portanto a relevância do estudo baseia-se na variação que ocorre nas contas representadas, como pagamento de salários, comissões, impostos, dividendos e distribuição aos sócios. Podendo assim avaliar como as contas variaram com o impacto da crise, e o comportamento da empresa para com os agentes internos (funcionários, proprietários) quanto com os agentes externos (governo, financiadores). Levando em consideração que a DVA não somente representa a riqueza, mas também como ela é distribuída, pode-se verificar se em momentos de crise ocorre menor distribuição de tributos ou ocorre aumento, tanto nessa conta como em outras.

Desta maneira, este estudo contribuirá por meio das análises realizadas na demonstração do valor adicionado, publicada por empresas da B3, assim evidenciando os resultados sobre os reflexos promovidos nas contas como a receita, ganho de capital, os insumos que foram utilizados de terceiros, pessoal (salários, férias, plano de saúde, alimentação, etc), impostos e contribuições (federais, estaduais e municipais), dentre outras analisadas, se ocorreram mudanças sendo elas positivas ou negativas. Pretende-se obter uma percepção de como as empresas listadas na B3 passaram por esses momentos de recessão, avaliando os impactos que ocorreram na sua política de distribuição e em quais contas ocorreu maior impacto. Ainda verificar se entre as empresas analisadas houve uniformidade em algum dos resultados encontrados ou particularidades de cada empresa.

2.DESENVOLVIMENTO

2.1. Referencial Teórico

2.1.1 Demonstrações Contábeis

Demonstração contábil é uma expressão utilizada para referir-se as informações prestadas pela contabilidade no Brasil, incorpora o balanço patrimonial, a demonstração do resultado (DRE), demonstração das mutações do patrimônio

líquido (DMPL), demonstração do valor adicionado (DVA) entre outras aplicações específicas a determinadas atividades ou solicitadas por órgãos reguladores (Junior, et al., 2011). Assaf (2012) diz que por meio das demonstrações contábeis é possível compreender a respeito da posição econômica e financeira da empresa, e o que levou a evolução apresentada e as futuras oportunidades.

Machado e Santo (2004) afirmam que um dos objetivos da contabilidade consiste em oferecer as informações sobre a vida da empresa. Por isso, as demonstrações contábeis são elaboradas para que os usuários internos e externos possam analisar os bens que a empresa possui, e o que está nas mãos de terceiros, por exemplo fornecedores, empréstimos, impostos, aluguéis entre outros. As demonstrações ajudam os usuários na tomada de decisões e em novos investimentos e, conforme Marion (2012), são fundamentais para quem quer saber da situação econômico-financeira da empresa, pois através delas é possível preencher as necessidades dos usuários da contabilidade.

Segundo o NBC TG (Norma Brasileira de Contabilidade) 26, apresentação das Demonstrações Contábeis, o objetivo de demonstrações contábeis é de proporcionar informação da posição patrimonial e financeira, dos fluxos de caixa e do desempenho da empresa de forma útil para muitos usuários em suas tomadas de decisões. Sua divulgação visa evidenciar os resultados da atuação dos administradores a frente dos seus deveres e responsabilidades, na gestão dos recursos que lhe foram confiados.

Cunha (2002) sugere que através dos demonstrativos contábeis as necessidades dos usuários da contabilidade, sejam eles acionistas, fornecedores, governo, empregados, administradores e financiadores, são atendidas. Para Flesch e Hahn (2016) o balanço patrimonial vem se mostrando como uma técnica para várias empresas poderem analisar a situação econômica e financeira que se encontra em determinado período. O autor ainda contribui com a ideia de que sua finalidade é mais voltada para demonstrar o que ocorreu no passado, permitindo o planejamento do pode ser realizado no futuro.

Uma das principais características a serem apresentadas pelas demonstrações contábeis é a comparabilidade, pois ela melhora a qualidade das informações presentes, fazendo com que ocorra uma única leitura para todos, NBC TG 26, descreve como as demonstrações contábeis devem ser apresentadas, para que a comparabilidade seja ela de períodos anteriores da mesma empresa ou em relação a empresas diferentes venha ter segurança. Ele é aplicado a todas demonstrações contábeis elaboradas e apresentadas de acordo com as orientações, para que assim haja simetria entre as informações.

2.1.2 Demonstração do Valor Adicionado (DVA)

Para Albuquerque e Boya (2009) a Demonstração do Valor Adicionado (DVA) é o resultado da evolução das demonstrações contábeis, pois os usuários da informação com o passar dos anos sentiram cada vez mais a necessidade de informações mais detalhadas, que proporcionassem a eles uma leitura mais ampla da situação da empresa. A DVA vem se destacando por suas especificações no

fornecimento das informações que demonstra, como a geração da riqueza e os seus efeitos na distribuição. Júnior (2003) a considera como uma ferramenta contábil que auxilia na identificação de como a empresa vem se comportando em sua responsabilidade social ao mostrar a contribuição econômica para segmento, por exemplo, salários, benefícios a funcionários, impostos federais, estaduais, municipais entre outros.

A elaboração e divulgação dessa demonstração contábil passou a ser obrigatória no exercício de 2008 para as empresas de capital aberto com a aprovação da Lei nº 11.638/07. No mesmo ano, o NBC TG aprovou o pronunciamento técnico que fala sobre a Demonstração do Valor Adicionado - NBC TG 09. Em alguns países não é permitido que a empresa se estabeleça sem que antes ocorra apresentação da DVA (CUNHA,2002). A criação dessa demonstração tem a finalidade de tornar público a responsabilidade social das empresas (Silva,2010).

Sua elaboração deve ser baseada no conceito descrito no Pronunciamento Conceitual Básico do NBC e os dados são obtidos principalmente da DRE (NBC TG 09). Contudo, Machado et.al(2015) aponta que não há objetivo semelhante entre elas, pois a DRE vem para evidenciar o lucro apurado no exercício, que representa a conta do valor adicionado destinada aos sócios do capital, as demais contas aparecem como despesas na DVA são evidências como empregados, governo e financiadores externos .

De acordo com Resolução CFC nº 1.138/08 a distribuição da riqueza evidenciada na DVA deve ser minimamente detalhada nas seguintes contas: (a) pessoal e encargos; (b) impostos, taxas e contribuições; (c) juros e aluguéis; (d) juros sobre o capital próprio (JCP) e dividendos; (e) lucros retidos/prejuízos do exercício.

NBC TG 09 apresenta modelos estruturais para a elaboração, assim representados abaixo:

Tabela I - Demonstração do Valor Adicionado – (Empresas em geral)

DESCRIÇÃO	Em milhares de reais 20X1
1 – RECEITAS	
1.1) Vendas de mercadorias, produtos e serviços	
1.2) Outras receitas	
1.3) Receitas relativas à construção de ativos próprios	
1.4) Provisão para créditos de liquidação duvidosa – Reversão / (Constituição)	
2 - INSUMOS ADQUIRIDOS DE TERCEIROS (inclui os valores dos impostos – ICMS, IPI, PIS e COFINS)	
2.1) Custos dos produtos, das mercadorias e dos serviços vendidos	
2.2) Materiais, energia, serviços de terceiros e outros	
2.3) Perda / Recuperação de valores ativos	
2.4) Outras (especificar)	
3 - VALOR ADICIONADO BRUTO (1-2)	

4 - DEPRECIACÃO, AMORTIZAÇÃO E EXAUSTÃO	
5 - VALOR ADICIONADO LÍQUIDO PRODUZIDO PELA ENTIDADE (3-4)	
6 - VALOR ADICIONADO RECEBIDO EM TRANSFERÊNCIA	
6.1) Resultado de equivalência patrimonial	
6.2) Receitas financeiras	
6.3) Outras	
7 - VALOR ADICIONADO TOTAL A DISTRIBUIR (5+6)	
8 - DISTRIBUIÇÃO DO VALOR ADICIONADO (*)	
8.1) Pessoal	
8.1.1 – Remuneração direta	
8.1.2 – Benefícios	
8.1.3 – F.G.T.S	
8.2) Impostos, taxas e contribuições	
8.2.1 – Federais	
8.2.2 – Estaduais	
8.2.3 – Municipais	
8.3) Remuneração de capitais de terceiros	
8.3.1 – Juros	
8.3.2 – Aluguéis	
8.3.3 – Outras	
8.4) Remuneração de Capitais Próprios	
8.4.1 – Juros sobre o Capital Próprio	
8.4.2 – Dividendos	
8.4.3 – Lucros retidos / Prejuízo do exercício	
8.4.4 – Participação dos não-controladores nos lucros retidos (só p/ consolidação)	

Fonte: NBC TG 09

2.1.3 Crises Financeiras e Econômicas

Para Paula e Pires (2017), crises econômicas acontecem quando ocorre um declínio na taxa do PIB e estão ligadas a uma das fases do ciclo econômico junto com a superprodução. De acordo com Pereira (2009) uma das últimas crises econômicas mundiais ocorreu em 2008, a crise *subprime* nos Estados Unidos. Lima e Deus (2013) relatam sobre a crise, que se tornou mundial, tendo tido origem no excesso de crédito a tomadores que não apresentaram garantias reais. A crise financeira imobiliária ocorreu a partir dos excessos de calotes no mercado imobiliário dos Estados Unidos, que atingiu em seguida o sistema financeiro do país (Pereira, 2009).

Segundo Paula e Pires (2017) o contágio da crise do Lehman Brothers sobre o Brasil, foi bastante agudo e rápido, provocando a saída de capitais estrangeiros aplicados em bolsa, aumento das remessas de lucros e dividendos por parte de subsidiárias de empresas multinacionais; redução da oferta de crédito externo para bancos e empresas e retração do mercado de crédito doméstico. Para Costa, Reis e Teixeira (2012) a chegada da crise no Brasil, que iniciou em 2007, impactou a Ibovespa, que se encontrava acima 60.000 veio a chegar abaixo de 30.000 pontos. O governo para se estabelecer para frear a queda e reestabelecer a economia criou várias políticas para amenizar os feitos, como por exemplo a alteração de taxas de juros e dos tributos.

Após um período de expansão onde a economia brasileira teve uma taxa de crescimento média de 4,0% a.a., acompanhada de um processo de melhorias na

distribuição de renda, em 2014 veio a sofrer uma forte e longo recessão que durou de 2015 a 2016, com uma média negativa em 3,7% no crescimento do PIB (Produto interno bruto), juntamente com uma piora em vários indicadores sociais (Paula e Pires, 2017). Para Filho (2017) a crise na economia brasileira de 2014-2017 teve como causa vários choques de oferta e demanda de produtos, e uma maior parte foi ocasionada por erros de políticas públicas que ocasionaram uma redução na capacidade de crescimento da economia vindo a gerar um custo fiscal elevado. Após anos a inflação no Brasil de acordo com o IBGE veio a fechar em 2015 com uma alta acumulada de 10,67%, índice bastante acima dos valores dos últimos anos, sendo o reflexo da crise que o país enfrentava naquele período.

2.1.4 Estudos anteriores dos efeitos das crises sobre as empresas

Takano (2016) em seu estudo da "análise econômica do capital de giro e rentabilidade de empresas do setor de varejo no Brasil em um período de recessão", pode concluir o quanto o lucro das empresas do primeiro quartil oscilam entre os períodos analisados (2014-2016) todas tiveram grandes variações com uma instabilidade de gestão. O autor ressalta que a empresa que mais se destacou foi a Grendene, que conseguiu se manter líder do ranking por mais tempo e sendo a única empresa que não saiu do primeiro quartil que é representado pelas melhores analisadas. Aponta também um outro aspecto interessante que pode-se observar, a dificuldade encontrada pelas empresas em manter e obter lucros nos períodos analisados, ocorrendo uma fraqueza do setor em se adaptar as mudanças.

Os resultados de Takano (2016) sugerem que 41,66% das empresas obtiveram prejuízos e 29,16% não obtiveram retorno acima de 2% sobre seu PL, com isso entende-se que as empresas do setor possuem nenhuma ou baixa rentabilidade para os investidores. De todas as empresas analisadas somente três finalizaram o estudo com pontuações superiores à sua inicial, podemos concluir que fora os problemas internos das companhias o cenário externo impacta as empresas como um todo. Ao analisar os resultados obtidos pode-se perceber que houve um impacto da crise gerou uma mudança de comportamento nas empresas, pois todas tiveram um declínio no ranking.

Dias (2017) analisou a geração e distribuição de riquezas de empresas de comércio e construção civil diante da crise econômica brasileira no 2014, 2015 e 2016. Os resultados indicam que houve uma redução da capacidade de geração de riqueza em ambos os setores, mas na construção civil o impacto foi maior, com uma redução acumulada de 61% no período analisado. Já no comércio não passou de 8% e entende-se que no momento de crise a construção civil foi consideravelmente mais afetado, pois teve maior redução na capacidade de geração de riqueza. Ele afirma que dos resultados analisados no que se refere a distribuição de riquezas ficou evidenciado que nos dois setores ocorreu uma queda no valor adicionado distribuído.

Castro et.al (2013) em sua pesquisa sobre "o efeito da crise de 2008 na saúde econômico financeira dos bancos no Brasil", realizou uma análise comparativa entre instituições dos setores públicos e privados de 2007 a 2010. Pode-se perceber que

com relação ao comportamento dos indicadores de custo médio de captação e índice de eficiência, no banco do Brasil não foi possível observar o efeito da crise, em função das medidas anticíclicas, comparativamente aos bancos do setor privado.

2.2. Metodologia

Gil (2010) contribui que uma pesquisa classificada como descritiva tem a finalidade de apontar possíveis relações entre as variáveis, pode-se afirmar, portanto, que a pesquisa se enquadra nesta classificação, pois descreve as tendências nos dados existentes e observa a situação que os fatos foram levados. A técnica utilizada é o estudo empírico, pois de acordo com Lustosa e Dias (2009) é realizado através de uma base de dados ou por um arquivo pré-existente. O presente estudo objetivou analisar a distribuição de riquezas das empresas de capital aberto em período de crise econômica, podendo assim avaliar se houve redução nas contas.

Sendo assim este trabalho analisou uma amostra de empresas listadas na B3, do setor econômico, cíclico, não cíclico e bens industriais, com o subsetor no comércio. A escolha do setor foi feita de acordo com pesquisas realizadas que levaram ao estudo, pois segundo Dias (2017) foi um setor-econômico que sentiu o impacto da crise, sendo um dos mais afetados por estar na linha de frente da cadeia de consumo da população. Com isso foram selecionados de início 23 empresas.

Tabela 2- Empresas do subsetor do comércio da B3

<i>Setor econômico</i>	<i>Frequência na amostra</i>	<i>% Total</i>
<i>Bens Industriais</i>	03	13,05%
<i>Consumo não cíclico</i>	07	30,43%
<i>Consumo cíclico</i>	13	56,52%
<i>Total</i>	23	100,00%

Fonte: Elaborado pela autora

Para chegar à amostra final, foram eliminadas as empresas que não divulgaram a demonstração do valor adicionado em um dos períodos analisados e aquelas que fecharam em prejuízos nos exercícios analisados. Logo após as exclusões, restaram 11 empresas.

Tabela 3- Empresas do subsetor do comércio da B3

Subsetor	Setor Econômico	Segmento	Código B3
Comércio	Bens Industriais	Minas Máquinas	MMAQ
	Não cíclico	Dimed	PNVL
		Profarma	PFRM
		Raia Drogasil	RADL
	Cíclico	Arezzo	ARZZ
		Grazziotin	GRA
		Guararapes	GUAR
		Lojas Americanas	LAME
		Lojas Hering	LHER
		Lojas Renner	LREN
		Via Varejo	VVAR

Fonte: Elaborado pela autora

Os dados foram extraídos das demonstrações contábeis do *site* da B3, e tratados no Excel. O desenvolvimento foi feito através da Análise horizontal, médias e desvio padrão dos exercícios de 2015, 2016, 2017 e 2018.

A análise foi desenvolvida através das contas insumos adquiridos de terceiros, que corresponde as mercadorias, materiais, energia, serviços de terceiros e outros. A conta pessoal que está representada a distribuição dos salários, FGTS e benefícios que a empresa fornece a seus funcionários. Impostos federais e municipais. Remuneração de capitais de terceiros que são os juros, aluguéis e outros. Remuneração de capital próprio que corresponde aos dividendos da empresa, o lucro ou prejuízo e juros sobre o capital próprio. E a conta lucro que também está representada dentro dos capitais próprio, mas que possui uma relevância em ser analisada separada. A expectativa do estudo é de que as contas de distribuição da riqueza tenham seus valores reduzidos a medida em que o período de crise avançou.

2.3. Discussão de Resultados

Mediante análise realizada (tabela 4), foram utilizadas as contas IAT (insumos de capitais de terceiros) que está relacionada a compra de mercadorias, (pessoal) que se refere aos funcionários, IMP (impostos), sendo eles municipais, estaduais e federais, a RCT e RCP (remuneração de capitais de terceiros e de capital próprios). Assim realizou-se uma análise de dados extraídos da DVA das empresas de capital aberto. Pode-se observar que as médias tiveram pequenas variações.

Tabela 4. Média e desvio padrão das contas da DVA das empresas.

Ano	Código B3	IAT	IMP	PES	RCT	RCP	LUC
Em milhares de reais 2015	ARZZ	924.156	161.678	133.135	67.276	119.663	86.152
	PNVL	1.659.873	189.585	193.001	92.762	45.268	31.267
	GRA	276.708.286	103.661.004	70.618.064	28.014.041	46.618.127	46.618.175
	GUAR	4.136.233	889.407	1.094.740	305.586	296.440	160.545
	LAME	16.024.075	1.058.945	1.145.637	3.014.182	64.474	134.749
	LHER	1.145.102	175.676	247.809	76.996	281.170	149.131
	LREN	3.935.183	1.834.717	804.255	532.759	578.838	347.303
	MMAQ	190.625	19.855	19.624	900	8.378	7.264
	PFRM	3.180.795	487.452	158.356	113.390	21.182	21.182
	RADL	6.084.852	1.189.579	957.812	461.597	339.785	189.956
	VVAR	15.565.000	974.000	2.915.000	1.738.000	14.000	11.000
	Média	29.959.471	10.058.354	7.117.039	3.128.863	4.398.848	4.341.520
	DP	R\$ 78.205.987	R\$ 29.604.517	R\$ 20.096.247	R\$ 7.919.062	R\$ 13.352.017	R\$ 13.369.400
Em milhares de reais 2016	ARZZ	1.014.495	128.218	155.023	76.128	116.149	7.775
	PNVL	1.722.652	189.585	193.001	98.708	45.268	31.267
	GRA	279.500.092	129.337.488	715.553.592	28.119.701	64.011.722	64.011.732
	GUAR	4.948.325	623.072	1.229.400	397.266	192.459	101.374
	LAME	16.534.705	480.288	1.082.372	3.690.949	27.828	91.657
	LHER	1.049.598	192.543	243.326	84.769	199.417	75.350
	LREN	4.092.348	1.905.409	853.280	570.991	625.058	375035
	MMAQ	191.600	24.479	17.581	551	11.471	9.945
	PFRM	3.674.211	573.408	267.499	166.627	48.963	48.963
	RADL	7.683.575	1.545.321	1.224.607	613.483	451.252	252.984
	VVAR	16.323.000	887.000	2.671.000	1.828.000	95.000	95.000
	Média	30.612.236	12.353.346	65.771.880	3.240.652	5.984.053	5.918.280
	DP	R\$ 78.896.275	R\$ 36.998.000	R\$ 205.480.333	R\$ 7.937.671	R\$ 18.350.877	R\$ 18.371.067
Em milhares de reais 2017	ARZZ	1.084.917	111.041	178.682	72.170	154.470	72.382
	PNVL	1.825.712	248.793	250.243	106.831	59.798	42.303
	GRA	306.799.204	137.075.044	76.088.465	33.675.282	61.400.425	61.400.432
	GUAR	4.919.395	827.675	1.375.019	423.846	481.099	360.667
	LAME	14.376.871	666.118	1.071.342	3.265.027	81.234	117.628
	LHER	1.043.057	217.507	271.637	78.571	263.781	78.796
	LREN	4.555.329	2.065.821	1.023.807	728.573	196.931	439.607
	MMAQ	255.186	27.794	19.547	530	10.746	9317
	PFRM	3.689.787	599.130	368.057	200.355	112.720	112.720
	RADL	9.059.406	1.812.447	1.357.859	731.941	512.653	308.662
	VVAR	23.912.000	1.416.000	2.994.000	1.895.000	168.000	118.000

	Média	33.774.624	13.187.943	7.727.151	3.743.466	5.767.442	5.732.774
	DP	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$
		86.603.881	39.182.087	21.633.004	9.512.844	17.593.368	17.604.167
	ARZZ	1.231.331	96.209	197.320	115.785	142.644	78.917
	PNVL	1.944.094	174.061	265.728	117.210	74.982	57.982
	GRA	329.697.181	154.812.764	83.194.036	35.304.281	53.765.284	53.766.098
	GUAR	5.148.506	1.264.854	1.434.202	481.693	256.956	832.876
	LAME	15.403.471	1.024.773	1.181.554	2.866.264	227.510	260.490
	LHER	1.033.246	194.659	252.791	84.311	239.514	89.542
	LREN	5.069.019	2.379.811	1.090.121	739.124	1.020.136	612.082
	MMAQ	275.548	28.131	21.464	987	15.516	275.548
	PFRM	3.842.614	605.102	320.725	136.995	9.734	9.734
	RADL	10.327.380	1.871.384	1.593.983	752.855	509.313	292.947
	VVAR	21.918.000	1.283.000	3.160.000	1.753.000	267.000	267.000
	Média	35.990.035	14.884.977	8.428.357	3.850.228	5.138.963	5.140.292
	DP	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$
		93.102.997	44.255.159	23.659.100	9.981.857	15.379.385	15.378.650
Consolidado	Média	32.584.092	12.621.155	22.261.107	3.490.802	5.322.326	5.283.217
	DP	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$
		85.434.992	38.356.444	108.688.551	8.994.315	16.487.248	16.499.296

Fonte: Elaborado pela autora

No que se refere a insumos adquiridos de terceiros pode-se perceber que ocorreu um aumento considerável no ano de 2017 em relação ao ano de 2016, vindo assim em 2018 a ter uma pequena queda em sua distribuição. Nota-se que no exercício de 2016 a conta pessoal no que se refere a distribuição aos funcionários teve um aumento significativo chegando a 824,15% (tabela 4) se comparado ao exercício de 2015. O que se pode entender com esse aumento é o aumento das verbas rescisórias, pois segundo Weisheimer (2018), as crises política e econômica rapidamente danifica os indicadores do mercado de trabalho vindo a gerar uma alta quantidade de desempregados, a hipótese também de ser um aumento nas contas variáveis como comissões, gratificações entre outra, não pode ser descartada, levando em consideração que o aumento dessas verbas podem afetar a conta e ao verificar as notas explicativas da empresa não possui nenhuma observação para o aumento dessa conta.

Os impostos e remuneração de capitais de terceiros tiveram pequenas variações, em 2017-2016 os capitais de terceiros tiveram um aumento considerável de 15,52%, o que pode ter levado a esse resultado foi o aumento nas contas de taxa de juros. A conta lucro em 2017 comparado com 2016 teve um pequeno declínio que veio aumentar em 2018 em relação a 2017. A empresa não fechou em prejuízo, apenas veio a ter uma queda no lucro, mas continuado com seu saldo positivo.

Tabela 5. Análise horizontal- distribuição de riquezas para as contas

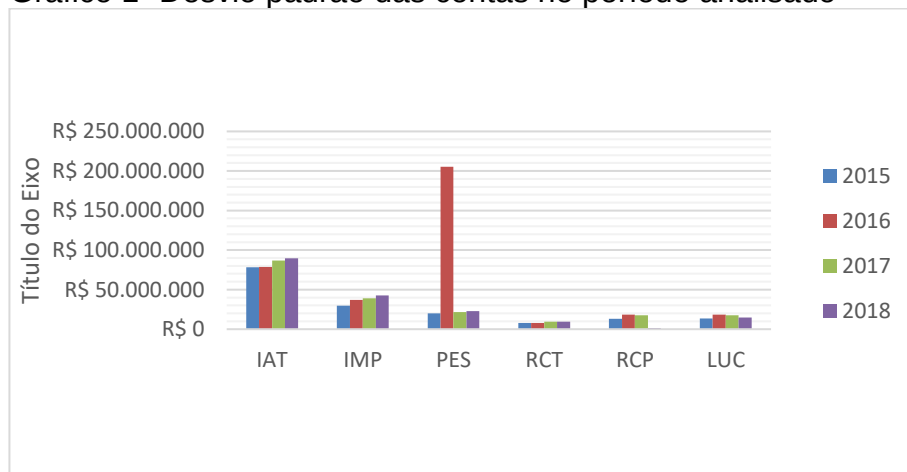
	(Δ%)2016-2015	(Δ%)2017-2016	(Δ%)2018-2017
IAT	2,18%	10,33%	-1,80%
IMP	2,82%	6,76%	4,17%
PES	824,15%	-88,25%	0,50%
RCT	3,57%	15,52%	-4,92%
RCP	36,04%	-3,62%	-18,28%
LUC	36,32%	-3,13%	-17,77%

Fonte: Elaborado pelo autor

De acordo com Dias (2017) o crescimento da distribuição de riquezas para as contas impostos e remuneração de capitais de terceiros (pagamento de juros), confirma os efeitos causados pela crise econômica, e o reflexo da alta carga tributária brasileira e a política de créditos com taxas de juros altas. Com isso, pode-se considerar que no ano de 2016 as empresas sofrem com esse impacto.

O gráfico abaixo (gráfico 1) demonstra os índices de desvio padrão sobre as contas analisadas, observou-se que maior parte das empresas teve uma leve variação nas suas contas. Nota-se que o ano de 2017 apresenta um significativo aumento, na sua conta pessoal.

Gráfico 1- Desvio padrão das contas no período analisado



Fonte: Elaborado pelo autor.

3.CONCLUSÃO

A economia passa por momentos de crescimento e de queda nas suas atividades, isso é inevitável, pois é um padrão normal do sistema capitalista. O Brasil, ao longo de sua história sofreu com crises que causaram variações a economia. No período de crise econômica ocorre um declínio na atividade, o que leva a uma diminuição na demanda por consumo.

O presente trabalho teve com base na pesquisa empírico, buscou analisar as variações que ocorre na demonstração do valor adicionado, em período de crise econômica. O objetivo pode ser alcançado através da análise da demonstração do valor adicionado de empresas listadas na B3 no setor do comércio, referente aos exercícios de 2015,2016,2017 e 2018. Para tanto, foi verificado, através da análise horizontal, média das contas e o desvio padrão a variação da distribuição de riqueza.

O resultado encontrado pode-se perceber que as variações que ocorreram são pequenas oscilações, mas que não pode ser descartado a hipótese dessas variáveis terem ocorrido devido à crise. Como observado nas análises, algumas contas tiveram uma ociosidade quanto positiva ou negativa. Com isso pode-se perceber que a crise de 2015-2017 pode ser a causa das variações econômicas na maioria das empresas.

Na conta pessoal em 2016-2015 a variação que ocorreu pode ser entendida como um aumento devido as verbas rescisórias ou aumento nas contas de verbas variáveis. A empresa não declarou nenhuma informação em usa nota explicativa para esse acontecimento.

Analisando em conjunto todas as contas e os anos, pode-se perceber que ocorreram pequenas variações em todas. Mas que não leva a uma confirmação que sua causa foi a crise, pois as variações entre os anos mostram que em algumas contas a distribuição da riqueza teve um aumento, vindo a cair no período seguinte.

A título de limitações da pesquisa, pode-se apontar que o período analisado não traz momento de crescimento significativo da economia. O que levou a o bloqueio de uma análise mais detalhada a respeito dos reais impactos da crise econômica se comparado com diferentes momentos econômicos do Brasil. As propostas do presente estudo sugerem refazer as análises em um grupo menor de empresas, pois poderá ser observado com mais clareza, fazer com um período mais específico.

4. REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, A. Finanças Corporativas e Valor. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

ALBUQUERQUE, Neusa Rachel Costa de,BOYA, Valéria Archete (2009). A importância da demonstração do valor adicionado como instrumento informativo da riqueza gerada e distribuída pelas organizações.

B3. Disponível em <<http://www.b3.com.br>. > Acesso em: 29 set.2019.

BITTENCOURT, Leonardo de Souza Costa. **O uso dos relatórios gerenciais e demonstrações contábeis aplicados as pequenas empresas.** Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Contábeis. Universidade Católica do Salvador,2018.

Castro, et.al. O efeito da crise de 2008 na saúde econômica financeira dos bancos no Brasil: uma análise comparativa entre instituições públicas e privadas no período de 2007 a 2010. Universitas: Gestão e TI. 2013.

Disponível em: <
<https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/gti/article/view/1908>> Acesso em: 23
Out 2019.

COSTA, Fábio Moraes da, REIS, Danilo José Santana dos, TEIXEIRA, Arilda Magna Campagnaro (2012). **IMPLICAÇÕES DE CRISES ECONÔMICAS NA RELEVÂNCIA DA INFORMAÇÃO CONTÁBIL DAS EMPRESAS BRASILEIRAS**. Revista De Educação E Pesquisa Em Contabilidade (REPeC), 6(2).

CUNHA, Jacqueline Veneroso Alves da. **Demonstração contábil do valor adicionado- DVA**: um instrumento de mensuração da distribuição da riqueza das empresas para os funcionários. 2002. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade: Contabilidade) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

DIAS, Wallace Vinicius de Souza. **Demonstração do valor adicionado: uma análise da geração e distribuição de riquezas pelas empresas de comércio e construção civil frente crise econômica brasileira**. 2017. Trabalho de conclusão de curso- Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

FILHO, Fernando de Holanda. A crise econômica de 2014/2017. **Estud. av.**, São Paulo , v. 31, n. 89, p. 51-60, 2017.

Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142017000100051&lng=en&nrm=iso>. acesso em 29 out 2019.

FLESCH , Ramires Dorr, Hahn, Roberto Carlos. Análise das sociedades anônimas gaúchas do setor industrial calçadista em meio á recessão brasileira de 2014-2015. **Revista Eletrônica de Ciências Contábeis**, v.6, n. 1, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Variável IPCA- Variação acumulada no ano (2017)**.

Disponível: < <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/900#resultado>> Acesso em: 22 set. 2019.

JÚNIOR, Manuel Salgueiro. **A DVA como instrumento para mensuração da relação custo-benefício na concessão de incentivos fiscais: um estudo de casos**. 2003. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12136/tde-30082004-145853/> >.

JÚNIOR, et.al. Auditoria de demonstrações contábeis. São Paulo: Atlas, 2006.

KRIGGER, Guilherme. **A crise econômica no Brasil:** influências nos indicadores financeiros das sociedades anônimas de capital aberto. Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Contábeis. Universidade Federal do Rio grande do Sul, 2016

LIMA, Thaís Damasceno; DEUS, Larissa Naves (2013). **A crise de 2008 e seus efeitos na economia brasileira.** Revista Cadernos de Economia, Chapecó, v. 17, n. 32, p. 52-65, jan./jun. 2013

LUCON, Oswaldo; GOLDEMBERG, José. **Crise financeira, energia e sustentabilidade no Brasil.** Estud. av. São Paulo, v. 23, n. 65, p. 121-130, 2009.

Lustosa, P.R.B, Dias, V.P. **EnANPAD.** Pesquisas Contábeis no Brasil: Métodos de pesquisa Segundo os Critérios do Congresso Anual da *Europa Accounting Association*. 2009.

MACHADO, et.al **Análise da Relevância do Conteúdo Informacional da DVA no Mercado Brasileiro de Capitais.** Revista Contabilidade & Finanças, v. 26, n. 67, p. 57-69, 2015.

MACHADO, Itamar Miranda; SANTOS, Ariovaldo dos. Demonstrações consolidadas pró-forma: importância avaliada em um caso real. **Rev. contab. finanç.** São Paulo v. 15, n. 34, p. 34-49, 2004.

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-70772004000100003&lng=en&nrm=iso>. acesso em 29 Set. 2019.

MARION, J. C. **Análise das demonstrações contábeis.** 7. ed. São Paulo, 2012.

Moreira et.al. **Uma avaliação do comportamento da taxa de inflação entre 2014 e 2016.** (2016). <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/CEN/article/view/8144/5064>> Acesso em 29 de Out. 2019.

NORMAS BRASILEIRAS DE CONTABILIDADE. NBC TG 26 (R5)- Demonstrações Contábeis Disponível em < <http://www2.cfc.org.br/>> Acesso em: 19 out. 2019.

NORMAS BRASILEIRAS DE CONTABILIDADE. NBC TG 09- Demonstrações do Valor Adicionado Disponível em < <http://www2.cfc.org.br/>> Acesso em: 19 de outubro de 2019.

PAULA, Luiz Fernando de; PIRES, Manoel. Crise e perspectivas para a economia brasileira. **Estud. av.**, São Paulo , v. 31, n. 89, p. 125-144, 2017 http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142017000100125&lng=en&nrm=iso Acesso em 28 out.2019

PEREIRA, José Matias. A economia brasileira frente à crise financeira e econômica mundial. Observatorio de la Economía Latinoamericana, n. 116, 2009. Disponível em: <<http://www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/09/jmp2.htm>>. Acesso em: 22 Set. 2019.

PICININ, Daiane Aparecida Barbosa; BARROS, João Paulo Pereira (2017). **A análise das crises econômicas brasileira no setor do varejo.**

PINHEIRO, Raul Gomes, ANDRADE, Valdecir Alcântara de, NASCIMENTO, Valdinei dos Santos (2018). Consequências das crises econômicas no Brasil, na visão de administradores e gestores. Revista Empreendedorismo, Gestão e Negócios, v. 7, n. 7, Mar. 2018, p. 111-129. disponível em: <<http://www.fatece.edu.br/arquivos>> Acesso em: 26 de agosto de 2019.

SILVA, Edilson Muniz da. **A relevância da demonstração do valor adicionado na evidência da distribuição de riqueza:** Um estudo da DVA na crise de 2008-2009.2010. Dissertação (Mestrado em Ciências contábeis) Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

TAKANO, Romulo da Dallastra. **Análise econômico financeira do capital de giro e rentabilidade de empresas do setor de varejo no Brasil em um período de recessão.** 2016. Trabalho de conclusão de curso. Universidade de Brasília, Brasília,2016.

WEISHEIMER, Nilson. O desemprego da juventude no Brasil em crise. Juventude,32, nov. 2018.